

# DON'T MAKE ME SPELL IT OUT: A COLAGEM COMO FORMA DE AUTOEXPRESSÃO CONTEMPORÂNEA

Cecília Corujo

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal

## Resumo

Analisando-se o livro de artista “Don’t make me spell it out” (Corujo, 2019) e o processo de trabalho diário que lhe deu origem, é criada uma reflexão sobre a Colagem como modo de acção artística plenamente contemporâneo. Percorrendo-se as páginas deste caderno publicado estabelece-se uma relação entre interpretação e apropriação de conteúdos artísticos e a construção identitária do sujeito. É também promovido um pensamento sobre o conceito de diário gráfico e as possibilidades inerentes a esta prática, intuitiva, quotidiana e multifacetada, que faz uma ponte frutífera entre a vida exterior e a viagem interior do seu autor. Por fim, é elaborada uma comparação entre a auto-expressão e a auto-representação em redes sociais como o *Tumblr*, através da partilha de conteúdo artístico e mediático e a ideia e modo de trabalho que elaboraram a obra em análise.

**Palavras-Chave:** Desenho, Diário Gráfico, Colagem, Identidade

## Abstract

Analyzing the artist's book “Don’t make me spell it out” (Corujo, 2019) and the daily work process that originated it, a reflection on Collage is created as a fully contemporary mode of artistic action. Turning the pages of this published notebook, a relationship is established between the interpretation and appropriation of artistic content and the subject's identity construction. It is also promoted a thought on the graphic diary as a concept and the possibilities inherent to this kind of daily practice: intuitive and multifaceted, which makes a fruitful bridge between the outside life and the inner journey of its author. Finally, a comparison is made between self-expression and self-representation in social networks such as *Tumblr*, through the sharing of artistic and media content and the idea and practice that elaborated the work here under analysis.

**Keywords:** drawing, graphic diary, collage, identity

## Introdução

Este texto propõe uma reflexão<sup>1</sup> sobre Colagem como modo de pensamento, como forma particularmente actual de pensar a prática artística contemporânea. Tomando como objecto de estudo o livro de artista “Don’t make me spell it out” (Corujo, 2019) (fig.1) e o método de trabalho que lhe deu origem, esta texto procura estabelecer uma relação entre o conceito de identidade reflexiva, apontado por Giddens (2001), e os actos de apropriação compulsivos e carácter transtextual que marcam o universo da arte contemporânea. Argumentamos que esta relação, entre conceitos de Colagem e identidade pós-moderna (ambos construções fragmentadas), é exacerbada pela cultura digital de *copy e paste* ou de citação e partilha (Buckingham, 2008; Gauntlett, 2008). Uma cultura disseminada pelos dispositivos móveis e pelas redes sociais que colonizaram, de forma natural e imperceptível, os nossos modos de pensar e agir (Turkle, 1995) – a forma como o indivíduo, hoje, se constitui e formula, expressa uma ideia de *si*, tanto material como virtualmente (Taylor, 1998; Ferreira, 2009).

A publicação “Don’t Make Me Spell It Out” tem como referente original um diário gráfico, por mim mantido durante o período de um ano, um objeto íntimo, que, balançando entra a verdade e a ficção, explora fragmentos de experiências emocionais. Ao longo das suas 192 páginas, o livro, diário de bordo, apresenta-se como uma crónica desorganizada, uma viagem através do crescimento de uma personagem, através de uma ambivalência emocional que caracteriza o fim da juventude e a chegada à idade adulta.

Esta viagem interior, retrato de um universo pessoal, é no entanto, e de forma contrária, registada através de uma prática diária de apropriações, através de desenhos que têm como referência imagens retiradas da internet, *screenshots* de filmes ou fotografias (promocionais e espontâneas) de actores e músicos. Estes desenhos mostram figuras solitárias que são acompanhadas por legendas, falas, perguntas ou pensamentos

---

<sup>1</sup> Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto SFRH/BD/136910/2018.

“subtraídos”, independentes do seu contexto, criando desta forma uma plena mistura de referentes.



**Figura 1** Cecília Corujo, *Don't Make Me Spell It Out*, 2019.

Livro de Artista publicado pela editora Stolen Books.

215 x 160 mm

148 páginas, impresso em papel Eural 115 gr.

Capa serigrafada em *black Mondial softcover*.

Todos os livros estão numerados e assinados pela artista.

Edição limitada de 100 livros

ISBN 978-989-54013-9-0

[www.stolenbooks.com](http://www.stolenbooks.com)

## I. Um convite

“Don't Make Me Spell It Out” (2019) foi publicado em Fevereiro de 2019 pela editora Stolen Books<sup>2</sup>, e representou o culminar de um projecto artístico colaborativo que tinha vindo a ser desenvolvido desde 2016. Este projecto deve o seu início a um convite feito pela Editora após a minha participação, na exposição colectiva “Matadouro nº5” (2015), patente na Casa Bernardo (Caldas da Rainha), com a instalação “1. foi assim que tudo aconteceu, mais ou menos” (fig.2)<sup>3</sup> que jogava já com a noção de uma narrativa fragmentada. Esta obra, inspirando-se no propósito original do espaço expositivo, procurou encarnar um quarto de uma personagem, uma personagem que

---

<sup>2</sup> Editora independente, baseada em Lisboa, que se especializou na reprodução projectos artísticos visuais e na publicação de livros de artista. Stolen Books destaca-se, desta forma, no meio editorial e artístico português, trabalhando com artistas emergentes e de renome, nacionais e internacionais (ver catálogo em [stolenbooks.com](http://stolenbooks.com)).

<sup>3</sup> Título copiado da primeira linha que dá início ao romance “Matadouro cinco” (2011) de Kurt Vonnegut.

habitou aquele quarto, mas que já lá não vive, deixando apenas vestígios da sua história, pequenos registos das suas experiências e pensamentos.

Seguindo a ideia patente na instalação, o repto lançado pela *Stolen Books* foi a elaboração de uma *série* de obras que, desde a sua concepção, tivessem em mente a sua impressão e apresentação final em formato de livro. Tentando responder ao desafio proposto, iniciei o preenchimento de um caderno que, tomando como inspiração a minha prática instalativa, misturou vários materiais riscadores e pictóricos (manchas de acrílico; caneta de feltro, lápis de cor, tinta da china, lápis grafite, etc.) assim como vários tipos de registo (uns mais elaborados e cuidados, outros menos). Num seguimento, não apenas da minha obra instalativa, o projeto “Don’t Make Me Spell It Out” acabou também por emular a estética e *modus operandi* da nossa prática diarística, exercitando uma colaboração entre a palavra escrita e a figura humana e criando um infinito jogo gráfico e semântico. Similarmente, assim como um diário regista a passagem do tempo através das transformações e alterações individuais que o próprio tempo produz, tive como objetivo criar, por entre uma constelação de frases e imagens, um universo igualmente específico e abrangente – uma caracterização emocional de um narrador que se espalhasse entre diversos estados: dúvida, fragilidade, negação, introspecção, autoconfiança, segurança, autodefinição, etc...

Este carácter flutuante, elasticidade característica de um diário, é descrito por Virginia Woolf quando refletiu sobre a sua escrita privada, sobre o que gostaria que esta escrita conseguisse representar:

*What sort of diary should I like mine to be? Something loose knit and yet not slovenly, so elastic that it will embrace anything, solemn, slight or beautiful that comes into my mind. I should like it to resemble some deep old desk, or capacious hold-all, in which one flings a mass of odds and ends without looking them through. I should like to come back, after a year or two, and find that the collection had sorted itself and refined itself and coalesced, as such deposits so mysteriously do, into a mould, transparent enough to reflect the light of our life, and yet steady, tranquil compounds with the aloofness of a work of art” (apud Smith; Watson, 1998, p.150)*



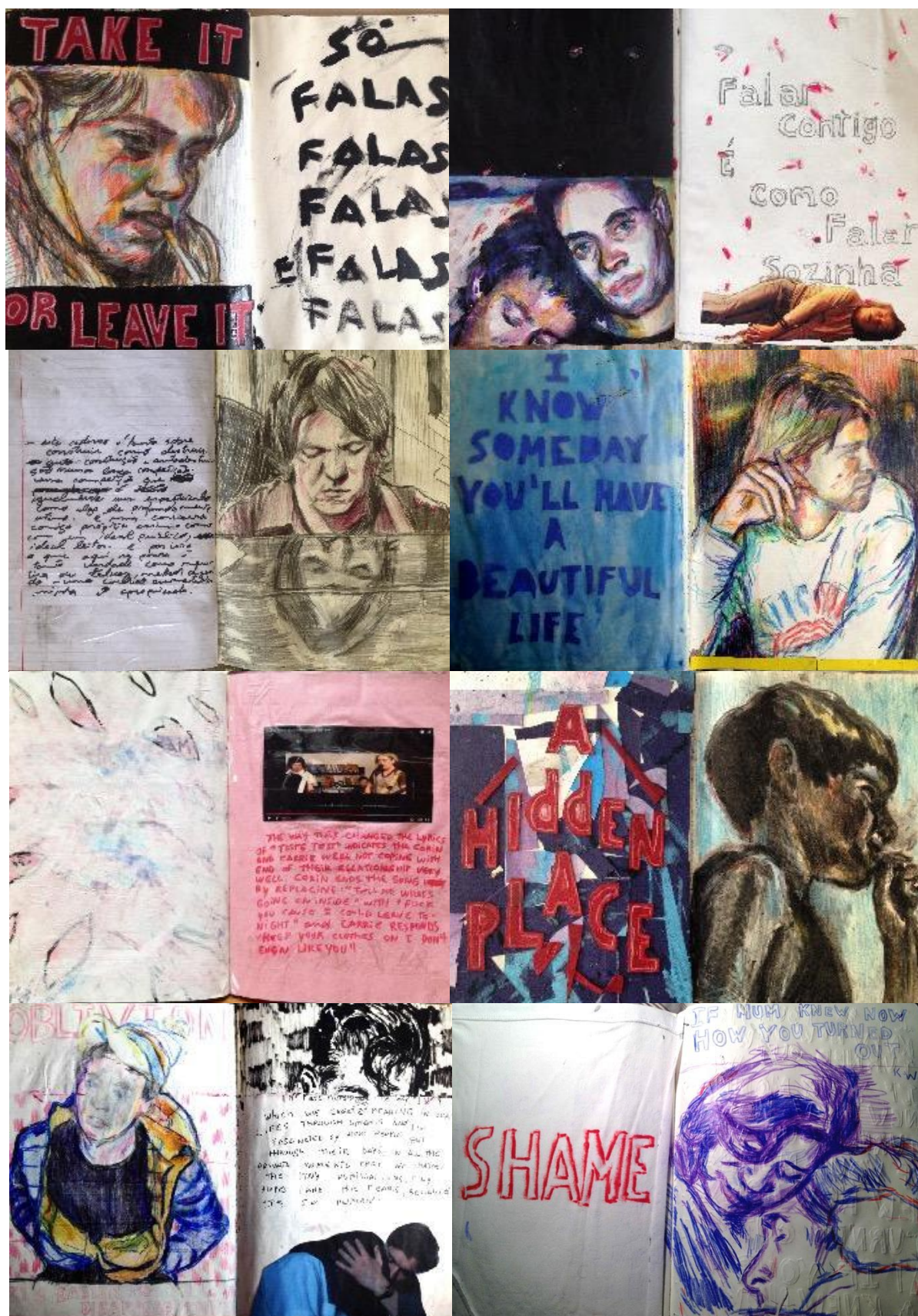
**Figura 2.** Cecília Corujo, 1. Tudo isto aconteceu, mais ou menos, 2018. Mix media, dimensões variáveis. Coleção privada da artista. Pormenores da instalação realizada na Casa Bernardo, Caldas da Rainha.

## II. Uma obstinação

Tendo em conta a temporalidade do caderno, que demorou 12 meses a ser completado, este tornou-se num exercício de persistência, numa obstinação em completar as suas 192 páginas, uma obsessão em registar a efemeridade das sensações, experiencias e ficções presentes. Sem querer apagar, rasgar ou seleccionar os desenhos, o trabalho tornou-se num desafio constante em aceitar os meus próprios resultados, bons ou maus, e conseguir trabalhar com e partir destes. Encarando o projecto como um desenho só, um desenho desdobrado em 200 e tal páginas que poderia vir a público, o esforço inicial residiu em ultrapassar o medo de falhar. Um medo que marca, de forma característica, toda a prática do desenho, mas que se tornou menor à medida que fui avançando no projecto e ganhando destreza perante o formato, à medida que fui percebendo o que resultava, ou não. Uma confiança crescente que resultou talvez da natureza contínua do trabalho, da percepção de que este ganhava forma, volume e consistência através dos movimentos de sobreposição e adição.

Refletindo sobre este processo diarístico é possível discernir que a prática foi adquirindo uma certa agilidade através da invenção e, conseqüente adoção, de pequenas fórmulas ou estratégias (técnicas e estéticas). O aparecimento gradual de uma contaminação entre páginas veio dar uma coerência visual ao projecto. Fórmulas que são agora possíveis observar como o uso emparelhado de uma página escrita, com letras recortadas e coladas sobre um fundo tonal e uma página desenhada, preenchida com um retrato, uma figura introspectiva. Uma frase e a imagem de um autor conversam entre si, numa contextualização mútua entre legenda e figura (fig.3).





**Figura 3.** Cecília Corujo, Don't Make Me Spell It Out (Sketchbook V), 2016-2019. Técnica mista s/ papel, 25 x 19 cm, 192 pp.

### III. Um diálogo



**Figura 4.** Cecília Corujo, Don't Make Me Spell It Out (Sketchbook V), 2016-2019. Técnica mista s/ papel, 25 x 19 cm, 192 pp.

No par de páginas presente na figura 4. Encontramos um exemplo deste processo, um exemplo da criação de um diálogo entre as duas partes. Na primeira página, pode ler-se, em letras recortadas, “E foi assim que nós crescemos, Lou”, uma afirmação direta que se sobrepõe a um fundo estilhaçado. Este fundo azul composto por fragmentos de dois postais: a imagem de uma piscina brilhante e a imagem de um céu é manchado por uma pinta de óleo amarela que tinge a questão vertical, perversa e desconcertante: “Why be happy when you could be normal?”<sup>4</sup>. Como uma resposta, a segunda página apresenta a acção de uma personagem que retira as ligaduras que lhe cobrem a face<sup>5</sup>, que lhe cobrem a visão e a identidade, tentando, assim, aludir à transformação do indivíduo, à formação identitária e processo de crescimento que chegada à idade adulta pressupõe. Uma passagem que exige, muitas vezes, ao indivíduo a coragem de adquirir novos conhecimentos, percepções e posições e experimentar novas formas de ser<sup>6</sup> (Erikson, 1972; Moretti, 2010).

<sup>4</sup> Frase subtraída ao título da autobiografia (2012) de escritora britânica Jeanette Winterson.

<sup>5</sup> Desenho baseado num *still* do filme “La Chinoise” (1967) de Jean-Luc Goddard, atuada por Jean-Pierre Leaud.

<sup>6</sup> Passagem bem documentada pela arte literária e cinematográfica através do *Bildungsroman* / romance de formação e os filmes “coming of age”.



Esta figuração é igualmente sublinhada pelos versos que acompanham a personagem, “I once was lost but now I’m found / I was blind but now I see you / How selfish of you / to believe in the meaning of all the bad dreaming”, versos apropriados da canção “Metal heart”<sup>7</sup>, de Cat Power, que ouvia enquanto realizava o desenho.

A prática nutriu-se dos elementos que a rodeavam tanto gráfica e materialmente como tematicamente: canetas, músicas, embalagens, filmes, postais, capas, bilhetes, obsessões, estados de espírito, etc... Esta breve descrição procura realçar a multiplicidade de referências que podem cruzar-se num projecto definido pela sua presença contínua no quotidiano do artista, pela abertura temática que esta acessibilidade traz. Indagando sobre a experiência prática que dá origem a “Don’t Make Me Spell It Out” o que sobressai é uma certa exposição da hibridez dos pensamentos que constroem a vivência do dia-a-dia, o patentear da fusão entre elementos interiores e exteriores, entre os movimentos de interpretação e apropriação que circulam – tanto de dentro para fora como de fora para dentro.

E apesar desta interpretação e significação posterior do trabalho realizado, interessa-me relevar o imediatismo que caracteriza a execução destas páginas, uma execução intuitiva e impulsiva, reflexo da urgência sentida perante aquilo que era exprimido, relativo à altura específica em que foi expresso. Assim como um diário se alimenta da proximidade que detém com o seu presente, com o seu objeto de estudo, o livro criado tentou reflectir o aspecto subversivo que esta contiguidade com o momento provoca – as necessidades efémeras, a linha ziguezagueante entre público e privado, a pluralidade de preocupações e confusão sentimental que marcam este tipo de crónica.

#### **IV. Junto ao corpo, perto do pensamento**

Contextualizando teoricamente prática diarística, San Payo, em “O desenho em viagem: álbum, caderno ou diário gráfico. O álbum de Domingos António de Sequeira” (2011) descreve que esta se tornou importante com aparecimento do conceito de viagem, nascido no Renascimento e elevado durante o Romantismo. A viagem torna-se

---

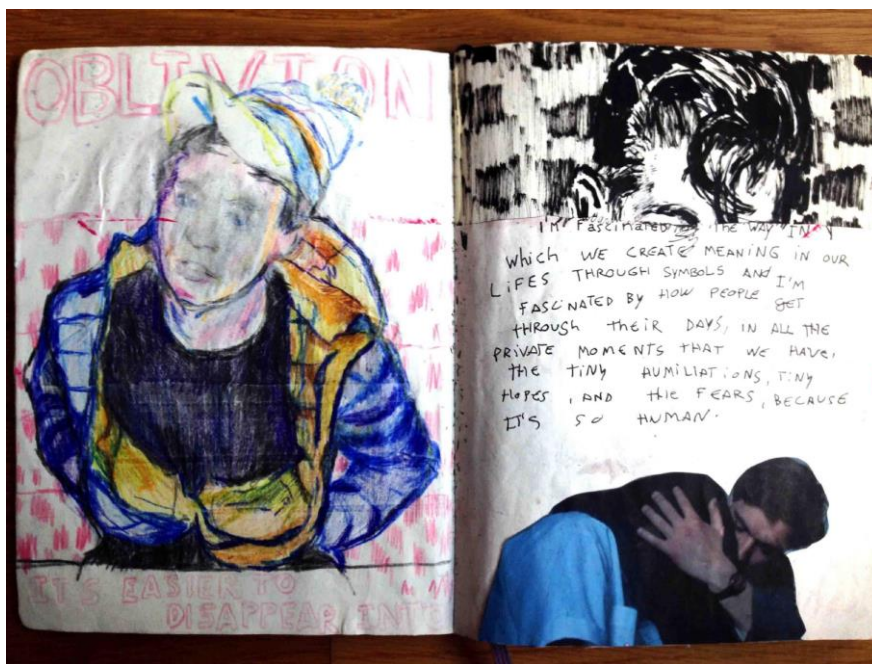
<sup>7</sup> Versos que a artista traduz fortemente nas suas performances e que inspiram esta análise. Como por exemplo a sua actuação no programa televisivo “Letterman”, disponível para visualização na seguinte hiperligação: <https://www.youtube.com/watch?v=gkWGGmnbRrI> (acedido a 07-05-2020).

uma experiência essencial para o adquirir de novas aprendizagens e o caderno, diário gráfico, pela sua portabilidade, como instrumento indispensável de registo perante o encontro do seu autor com a novidade – instrumento de descrição, memorização e interiorização. Tendo perdido alguma da sua importância científica com o advento da fotografia e de prioridade de registo com a colonização do nosso olhar pelos dispositivos móveis, o diário gráfico é, hoje, talvez um dos formatos artísticos mais incentivados pelos professores, para a aprendizagem do desenho e para construção de um projeto artístico e temática individual.

*O álbum de artista quer-se, no limite, uma presença constante tornando-se assim um suporte cúmplice e confidente do processo artístico quotidiano. Será nesse caso a base ideal para o registo da autorreflexão e da autorrepresentação. O álbum acompanha o artista nas suas deambulações e nas suas viagens refletindo as suas vivências e adquirindo um carácter autobiográfico. Entendemos aqui a vida do artista, mesmo que apenas em fragmentos, como uma ou suas várias viagens metafóricas de indagação e curiosidade artística* (San Payo, 2011, p.2).

De forma interessante esta prática acabou por oferecer novos elementos a serem empregues no meu trabalho artístico de maiores dimensões. Este documento produzido do início ao fim, de página a página, onde a anterior contamina a seguinte, procurei criar um testemunho de um tempo particular, do tempo que demorou a ser preenchido: das vivências que o acompanharam e que nele acabaram por se acumular. Como é sublinhado pela citação de San Payo, acima colocada, o caderno aqui analisado desejou tecer as viagens metafóricas que enriquecem a experiência do quotidiano.

Acima de tudo, o livro investigou a possibilidade de sobrepor uma colecção de singularidades e exaltar a diversidade antagonista de um diálogo a várias vozes, as diferentes narrativas que podem confluir na construção de uma identidade contemporânea. “Don’t Make Me Spell It Out” protagoniza a dificuldade em promover uma única e só leitura ou interpretação e expõe as discussões e conversas activas que confeccionam os nossos percursos, histórias e auto representações (Asselin; Lamoureux, 2002) (fig.6).



**Figura 6.** Cecília Corujo, Don't Make Me Spell It Out (Sketchbook V), 2016-2019. Técnica mista s/ papel, 25 x 19 cm, 192 pp. Detalhe da citação escrita, da artista musical St. Vincent: "I'm fascinated by the way in which we create meaning in our life's through symbols and I'm fascinated by how people get through their days in all the private moments that we have, the tiny humiliations, tiny hopes and the fears, because it's so human."

## V. Notas conclusivas

Tentando chegar ao fim desta breve reflexão e esclarecendo o título escolhido, "Don't Make Me Spell It Out", frase em forma de suplico irónico, referência o medo da publicação do que, de outra forma, seria privado, alude ao carácter expositivo ligado, normalmente, a este tipo de projecto. Como já foi descrito, este livro de artista baseou-se na prática diarística, nas suas características estéticas e processuais, no entanto este projecto diferencia-se, de um modo essencial de um diário gráfico tradicional, simplesmente, por ter sido concebido, no seu intento inicial, para ser publicado e reproduzido. O que é um diário público? Uma espécie de diário *falsificado*? É neste jogo dialógico entre autor e personagem, entre realidade pura e encenação ficcional, que "Don't Make Me Spell It Out" se desenrola. Uma dança desenhada que tem tanto de real como de imaginado, que por entre uma série de referências artísticas propõe a

validade e importância do autoconhecimento e expressão através da identificação, apropriação e manipulação da expressão dos outros.<sup>8</sup>

Como a orquestração de uma peça de teatro revela, nas vozes das suas personagens, as verdadeiras intenções do seu autor ou como um actor, intérprete, se esconde e revela simultaneamente envergando as palavras de outros, este documento cresceu do seu entusiasmo para com a sua futura publicação, para com o(s) seu(s) futuro(s) leitor(es). “Don’t Make Me Spell It Out” move-se seguindo, procurando, as peças do puzzle, as várias hipóteses de uma história – que eu própria desconheço e que entrego ao leitor para ser decifrada.

E terminando, penso que a prática artística descrita ao longo deste texto, é muito semelhante ao processo de transformação do objecto artístico ou cultural através da sua apropriação, transformação, partilha e re-partilha nas redes sociais. Plataformas virtuais, como o *Tumblr* ou o *Pintinterest*, que nos incentivam a copiar e a colar: imagens, músicas, citações, trailer, etc – hiperlinks que no seu conjunto fragmentado, mal referenciado, ajudam o utilizador a construir a sua imagem, a propor a sua apresentação identitária, mais ou menos ideal, mais ou menos múltipla (Buckingham, 2008; Gauntlett, 2008). Uma manta de retalhos, partículas flutuantes, em combinações infinitas, que nos informam e formam diariamente (Taylor, 1998; Ferreira, 2009). A visão de a narrativa pessoal, hoje, é essencialmente fragmentada e composta como este tipo de páginas, um composto de referências, uma amálgama de livre interpretações, adopções das palavras, visões, aprendizagens, etc... dos outros. Uma colagem de influências que, na sua multiplicidade e hiper complexidade, se torna única, intrínseca e individual que cada ser humano, o indivíduo, naturalmente social (Booth, 1998; Rosenblatt, 1995; Erikson, 1972).

É possível que o meu projecto artístico nasça deste tipo de experiências virtuais, da minha vivência e crescimento através das possibilidades trazidas pelos novos meios de comunicação e partilha. No entanto, a execução física destas imagens, a natureza manual, a demora, a imprevisibilidade e a sua permanência sólida é o que lhe dá vida, significado e pertença.

---

<sup>8</sup> Assim como eu, como autora deste texto, imponho uma análise, dentro das muitos possíveis, uma interpretação, talvez nem muito objectiva, do que define esta obra.

## Referências bibliográficas

Asselin, Olivier; LAMOUREUX, Johanne (2002) – Autofictions: or Elective Identities. *Parachute*, Montréal, N. 105 (janv. - mars), p. 10-18.

Booth, Wayne C. (1988) – *The Company We Keep: an Ethics of Fiction*. Berkeley: University of California.

Buckingham, David (ed.) (2008) – *Youth, Identity, and Digital Media. The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning*. Cambridge, MA: The MIT Press

Corujo, Cecília (2019) – *Don't Make Me Spell It Out*. Lisbon: Stolen Books ed.

Erikson, Erik H. (1972) – *Identidade: Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Ferreira, Gil Baptista (2009) – *Comunicação, Media e Identidade: Intersubjectividade e Dinâmicas de Reconhecimento nas Sociedades Modernas*; Lisboa: Edições Colibri/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Gauntlett, David (2008) – *Media, Gender and Identity: an introduction*. New York: Routledge.

Moretti, Franco (2010) – *The Way of the World: The Bildungsroman in European Culture*. London: Verso.

Rosenblatt, Louise M. (1995) – *Literature as an exploration*. New York: Modern Language Association of America.

San Payo, Manuel (2011) – *O desenho em viagem: álbum, caderno ou diário gráfico, o álbum de Domingos António Sequeira*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Taylor, Charles (1998) – *Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento*. Lisboa: Instituto Piaget.

Turkle, Sherry (1995) – *Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet*. New York: Simon and Schuster Paperbacks.

Giddens, Anthony (2001) – *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta Editora.